



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENÁ EM PEDAGOGIA**

RAFAELA RAMOS GRISMINO DA SILVA

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A LITERATURA
INFANTIL NAS PRÁTICAS DE LEITURA**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

RAFAELA RAMOS GRISMINO DA SILVA

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A LITERATURA
INFANTIL NAS PRÁTICAS DE LEITURA**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção
do grau de graduada

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina
Araújo Aragão.

CAMPINA GRANDE – PB
2012

S586a Silva, Rafaela Ramos Grismino da.
infantil A arte de contar história na educação
de [manuscrito] : a literatura infantil nas práticas
2012. leitura / Rafaela Ramos Grismino da Silva ,
56 f. : il. color

Digitado.

**Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação em Pedagogia) – Universidade
Estadual da Paraíba, Centro de Educação,
2012.**

“Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de
Aragão Araújo , Departamento de Pedagogia”.

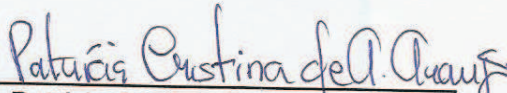
1. Educação Infantil 2. Literatura Infantil 3.
Leitura 4. Formação de Leitores I. Título.

21. ed. CDD 372

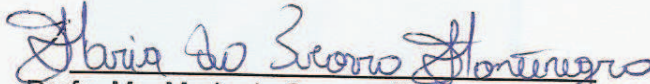
RAFAELA RAMOS GRISMINO DA SILVA

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A LITERATURA INFANTIL
NAS PRÁTICAS DE LEITURA

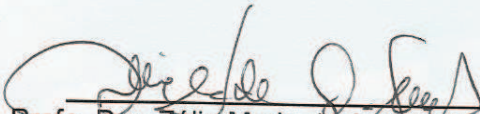
Aprovado em 05/12/2012



Profa. Dra. Patrícia Cristina Araújo Aragão/UEPB
Orientadora



Profa. Ms. Maria do Socorro Montenegro /UEPB
Examinadora



Profa. Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago /UEPB
Examinadora

CAMPINA GRANDE – PB
2012

Dedico este trabalho, de antemão, a Deus, grande colaborador e fonte de inspiração, aos meus amados pais, que desde os primeiros passos, sempre zelosos, me guiam nessa ascensão ao conhecimento, me conscientizando que este é o caminho a ser seguido, dedico a eles, Ronilda Ramos Grismino da Silva e Antônio Ronaldo Grismino da Silva.

AGRADECIMENTOS

De início agradeço a Deus, por seu amor e companhia, durante toda vida, e pelo seu auxílio intuitivo nessa caminhada acadêmica, pela oportunidade de construir uma carreira, por me erguer diante dos tropeços e obstáculos, enfim agradeço pela vida.

A família tão amorosa, e presente, pelos conselhos, por serem meu alicerce, a minha fortaleza e alegria, Ronilda Ronaldo, Regiane e Rubens, nunca vou poder agradecer satisfatoriamente.

A minha madrinha e tia Rosalva, por ter me guiado no caminho da educação escolar e ter me ajudado na minha escolha acadêmica.

Aos amigos e namorado por estar sempre ao meu lado, me indicando às escolhas certas.

A orientadora e professora Dra. Patrícia pelo apoio, e conselhos, nos momentos em que pensei em desistir, por sua felicidade transmitida, que tem por essência, mesmo com as adversidades do dia-a-dia nunca deixou seus particulares intervir no seu desempenho profissional, pela dedicação e paciência para comigo, por crer no meu potencial e fazer-me crer do mesmo modo.

A minha amiga Thays, companheira de curso e vida, por está comigo nos momentos acadêmicos, sempre juntas. A minha amiga de infância Malili, por me ajudar quando mais preciso; mesmo distante, está sempre presente.

RESUMO

Este trabalho procura discutir a importância da literatura infantil nas práticas de leitura escolar na educação infantil, analisando a construção de conceitos e sentidos acerca da infância elaborados pela literatura infantil, tendo em vista resignificá-los nos modos de (re)contar suas histórias e ao mesmo tempo, despertar nas crianças da educação infantil, o prazer pela leitura, de modo que o limiar de prazer do ato de ler seja atingido satisfatoriamente. A pesquisa tem como objetivo analisar de que forma a literatura contribui no processo de construção da formação cognitiva das crianças, assim como a formação de futuros leitores. Como abordagem metodológica, o presente trabalho foi trabalhado na perspectiva da pesquisa qualitativa com o uso de questionário com professora de escola pública, mães de alunos e oficinas pedagógicas com crianças de educação infantil. Espera-se, com os resultados dessa pesquisa motivar conhecimentos acerca da intensidade de se trabalhar a literatura infantil com as crianças de forma lúdica e criativa, propor uma reflexão entre os professores de educação infantil e com os pais, sobre a abrangência e importância da literatura na formação das crianças leitoras.

Palavras-chave: Educação Infantil. Literatura. Contação de história.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1. EDUCAÇÃO INFANTIL E PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA.....	12
1.1. O sentidos de infância nas práticas de leitura escolares	12
1.2. A Educação Infantil: ações educativas e práticas de leitura	18
2. LITERATURA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: MODOS E FORMAS DE EDUCAR NA INFÂNCIA	23
2.1. A literatura infantil: o prazer por aprender e modos de ensinar.....	23
2.2. A contação de história no contexto da educação infantil	31
3. EXPERIÊNCIA COM LITERATURA INFANTIL E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	35
3.1. Escola Municipal Manoel Francisco da Motta: Breve histórico.....	35
3.2. Prática da educação infantil: saberes literários de pais e professora	36
3.3. Oficina pedagógica e a contação de histórias: práticas de leitura na literatura infantil	41
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

A infância nem sempre foi vista como nos dias de hoje, a priori, a criança era vista como um adulto em miniatura, pois trabalhavam com os pais, se vestiam como tais e eram inseridas em ambientes impróprios para sua faixa etária. Além disso, a educação infantil também não esteve voltada para os direitos destas, não era um direito dela e sim da mãe trabalhadora que não tinha com quem deixar seu filho. Atualmente a educação infantil está em ascendência e as práticas pedagógicas estão, cada vez mais, voltadas para as crianças com brincadeiras, jogos educativos, a exploração da ludicidade e com ela a literatura infantil.

A literatura infantil é um importante fator para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento intelectual das pessoas. Visto que esta sempre foi importante para a vida do ser humano, para ter conhecimento de mundo, se tornar crítico, autônomo e capaz de mudar a sua realidade. Onde nem sempre as crianças são incentivadas e não tem o hábito de ler, há pessoas no ensino fundamental que não conseguem ler fluentemente. Foi pensando nessa perspectiva que este tema foi escolhido, visando a prática de leitura na escola a partir da contação de história com crianças da Educação Infantil e como evidenciar isso no ambiente escolar. Partindo deste pressuposto acredita-se que a leitura começa desde a mais tenra idade, até mesmo no ventre da mãe.

Quando a prática e o prazer da leitura começam a fazer parte do cotidiano da criança, ela ativa desenvolvimentos nos aspectos cognitivo, emocional, social, além de fortalecer o imaginário da criança, despertando o mundo de fantasias, de encantamento e de emoção.

O objetivo geral deste trabalho é tentar compreender os conceitos de infância construídos na literatura infantil na produção dos sentidos de infância na Educação Infantil a partir das práticas de leituras na escola, tendo em sua (dês) construção na (re) contação de histórias infantis. Trazendo como objetivos específicos mostrar a dimensão educativa da literatura infantil através da arte de contar histórias; discutir o sentido de infância no contexto da educação e a partir dele, estimular a leitura como práticas fundamentais no desenvolvimento cognitivo da criança; realizar oficinas pedagógicas dinamizadas por meio da contação de

histórias infantis entre os alunos, a fim de que desenvolvam práticas de letramentos de leitura e introduzir conceitos de infância.

A problemática abordada foi: De que modo a literatura infantil, através da arte de contar história possibilita que a criança desenvolva práticas de leitura com textos literários?

A simples leitura pode ser uma brincadeira e propiciar a formação do leitor infantil a partir da educação. Resgatando desde a educação infantil o despertar pela leitura, que em muitos casos tem se banalizado o fato de que esta é de fundamental importância no desenvolvimento da criança.

Neste trabalho de conclusão de curso discute-se o conceito de infância a com base em ARIÈS (1981) e KRAMER (1995); a educação infantil a partir do conceito de MELO (2009); além de analisar propostas curriculares em legislações como o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) e a Lei de Diretrizes e bases da Educação(1996). No campo literário foi trabalhado a literatura infantil através de ABRAMOVICH (1997), BUSTATTO (2008), SISTO (2010), GÓES (2010) e COELHO (2000).

Na realização deste trabalho utiliza-se a pesquisa de característica qualitativa de cunho participante, numa escola da Rede Pública em Campina Grande, onde foi observado o ambiente escolar, em seguida foram aplicados questionários e realizado oficinas de leitura. Portanto, de acordo com Duarte (2002, p. 42):

De um modo geral, pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado. A descrição e delimitação da população base, ou seja, dos sujeitos a serem entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentado.

A pesquisa foi realizada com professora e mães de alunos da educação infantil situada no Município de Campina Grande, onde foi aplicado um questionário com o corpo docente composto por 7 perguntas referente à literatura infantil e outro

com as mães das crianças, contendo 4 perguntas também relacionadas a literatura infantil.

Neste sentido foram realizadas oficinas de leitura com crianças de faixa etária de quatro a cinco anos que são de fundamental importância para a pesquisa para serem desenvolvidas práticas de leitura, realizadas na Escola Municipal Manoel Francisco da Motta, na Cidade de Campina Grande – Paraíba, no bairro de Bodocongó.

Quando se trata de uma pesquisa qualitativa é preciso ter a preocupação enquanto identificação das pessoas que foram questionadas, como afirma Duarte (2002, p.143-144):

Numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado a priori – tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. Enquanto estiverem aparecendo “dados” originais ou pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso as entrevistas precisam continuar sendo feitas.

Para preservar o nome da professora da escola trabalhada e também das mães que se propuseram a serem questionadas optou-se por dar um codinome a professora, sendo chamada de Cinderela e as iniciais das mães no sentido de preservar a identidade dessas depoentes.

A escola apresenta um espaço amplo, que vai da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental I, contendo sala de recurso para crianças com necessidades especiais, uma biblioteca, cantina, uma secretaria, um pátio coberto e tanques de areia, um ambiente arejado com árvores e bancos de concreto, professores capacitados e uma equipe pedagógica.

Foram escolhidos três livros infantis para a realização das oficinas, tais como “Chapeuzinho Amarelo” por se tratar de uma história que trata das relações cotidianas de crianças que vivem com medo de várias coisas e até mesmo do ‘lobo mal’, o conto de fada “Branca de Neve”, pois tem uma grande repercussão e recepção sobre o público infantil onde a criança se identifica com o personagem e por último, “Os três porquinhos”, pois além de ser chamativo transmite para as crianças sentimentos de valor. Além da aplicação das oficinas, as crianças fizeram uma visita à biblioteca.

Partindo dessas observações que foram construídas, esse trabalho foi sendo esquematizado em uma introdução e três capítulos. O primeiro capítulo sendo a educação infantil e as práticas de leitura na escola abordando conceitos de infância e seu desenvolvimento, além da abordagem em torno da educação infantil, como também as perspectivas para as práticas de leitura. O segundo capítulo trata da leitura literária infantil e a contação de história: modos e formas de educar na infância, colocando a literatura infantil como prática e hábito de leitura na escola, os modos de se contar uma história e a importância para crianças desde sua tenra idade. No terceiro capítulo foi abordado a experiência com literatura infantil na escola: olhares a partir da educação infantil, as representações dos pais e das professoras e as oficinas pedagógicas realizadas na escola com crianças da educação infantil.

1. EDUCAÇÃO INFANTIL E PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA

O presente capítulo discute a compreensão da infância permeada na sociedade desde a Idade Média repercutindo na sociedade, família e na educação, sobretudo na escola e junto com ela as práticas de leitura na escola. Discutindo também a disseminação da educação infantil dialogando com a psicologia, na lei constitucional e a literatura infantil.

1.1. O sentido de infância nas práticas de leitura escolares

O sentido de infância que se carrega atualmente foi fruto de ideias sobre a mesma, através do tempo, pois durante muito tempo a criança foi considerada um adulto em miniatura, no entanto, é sabido que, este é um ser em desenvolvimento, que possui necessidades e direitos.

Na Idade Média o sentimento e o conceito de infância não existiam, não se tinha consciência das necessidades das crianças, trabalhavam com os adultos e vestiam como tais, participavam da vida cultural, social, política e religiosa na comunidade, dormiam com os pais e não tinham nenhuma restrição em conversas de adultos e até mesmo presenciavam relações sexuais dos genitores. Como destaca Áries (1981, p.10):

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança, então, mal adquiria um desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje.

Nesse aspecto, as crianças não tinham direito de brincar, se vestirem como tais, pelo contrário participavam do mundo dos adultos, escutavam vulgaridades,

participavam de brincadeiras grosseiras, viam enforcamentos, não havia restrições de nada. As pessoas não acreditavam na inocência das crianças, ou seja, “No mundo das fórmulas românticas, e até o fim do Século XIII, não existiam crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido” (ARIÈS, 1981).

A criança a partir dos 7 anos de idade era vista como um ser capaz de interagir perante a sociedade, com a capacidade de realizar tarefas feitas pelos seus pais. Como diz Áries (1981, p.36):

A primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de *enfant* (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem se formar perfeitamente, suas palavras, pois ainda não tem seus dentes bem ordenados nem firmes.

Além disso, existia um alto índice de mortalidade infantil, a higiene e a saúde era considerada precária, a criança quando sobrevivia era inserida diretamente no mundo dos adultos.

A criança era considerada pela ausência da fala, um ser que não pensava, sendo assim não possuíam nem voz e nem vez na sociedade, não era atendida a vulnerabilidade física, emocional e social destas. No entanto foi no Século XVI que começaram a perceber que estas eram diferentes dos adultos de acordo com RIBEIRO apud COSTA (2009, p. 54-55):

Somente a partir do século XVI é que as crianças tiveram, de fato, alguma relevância social e política. Entretanto, o reconhecimento de que havia a infância e de que as crianças exigiam olhares diferenciados voltou o foco para o que faltava na criança em relação ao adulto, ou seja, centrou-se no que a criança não é, ao invés de tentar compreender como ela é.

Com a interferência dos poderes públicos e religiosos no Século XVII começou-se a voltar o olhar para o cuidado com as crianças. A igreja católica não aceitava o infanticídio que antes era secretamente tolerado, partindo da premissa que as mães e amas seriam as protetoras e cuidadoras, com isso o sentido de infância aos poucos foi se modificando.

A partir deste momento a sociedade começou a ter consciência de que as crianças precisavam de mais atenção, já que os índices de mortalidade eram bastante elevados. Verificou-se uma melhora na higiene e saúde destas fazendo com que os pais não aceitassem perder seus filhos com naturalidade e os que perdiam, aceitavam como sendo pela vontade de Deus. A criança passou a ser educada pela família, aumentando seu sentimento por ela, surgindo então o chamado “sentimento de infância”. O primeiro intitulado de “paparicação”, que para Ariès (1981, p.10), o estudioso das questões relacionadas à criança, significa que:

Um sentimento superficial da criança- a que chamei “paparicação” – era reservado à criancinha em seus primeiros anos de idade de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato.

Tendo em vista este aspecto, as mães e amas começaram a dar atenção as crianças. Quando a criança passava da fase de “paparicação” era comum que esta fosse viver em outra casa, contudo, as mudanças mentais a esse respeito das pessoas ocorreram lentamente, algumas ficavam irritadas com a nova forma de tratar as crianças: “Algumas pessoas rabugentas consideram insuportável a atenção que se dispensava então às crianças: sentimento novo também, como que o negativo do sentimento da infância a que chamamos “paparicação”(ARIÈS, 1981)”

Observou-se em SALGADO apud COSTA (2009, p. 57) que além da “paparicação” existia a “moralização”:

Dois aspectos do sentimento da infância tornam-se mais acirrados a partir de práticas sociais que, apesar de serem aparentemente contraditórias, desembocam em um único ponto – a administração social da infância. São elas: a paparicação, com vistas à conservação da inocência infantil, e a necessidade de educar a criança por meio da moralização, com o intuito de suprimir a debilidade e a ignorância típicas da infância.

Com uma manifestação da sociedade contra a paparicação da criança surge o sentimento de apego, onde a criança se separa do adulto para educá-la nos costumes e disciplinas partindo de um pressuposto mais racional. Entre os

moralistas e os educadores do Século XVII surge outro sentimento de infância e que inspirou a educação até o Século XX, o apego: “[...] não se exprimia mais através da distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral” (ARIÈS, 1981)

Um outro sentimento que surge neste período vem dos eclesiásticos e dos moralistas no Século XVII que se preocuparam com a disciplina e a propagação dos seus costumes, estes perceberam que era preciso disciplinar as crianças sendo estendido também para a vida familiar, além da preocupação com a higiene, saúde e bem estar das mesmas.

A condição de infância que se tem atualmente surgiu com a ascensão da burguesia pautada nos ideais iluministas e com ela a preocupação com a segurança e educação das crianças. As mudanças ocorrem também com os espaços físicos da casa, passando a ter cômodos diferenciados.

A concepção atual da infância significa em considerar o sentimento e a essência da criança, assim Kramer (1995, p. 18) afirma que:

O sentimento de infância resulta, pois, numa dupla atitude com relação à criança: preservá-la da corrupção do meio, mantendo sua inocência, e fortalecê-la, desenvolvendo seu caráter e sua razão. As noções de inocência e de razão não se opõem, elas são os elementos básicos que fundamentam o conceito de criança como essência ou natureza, que persiste até hoje: considera-se, a partir desse conceito, que todas as crianças são iguais (conceito único), correspondendo a um ideal de criança abstrato, mas que se concretiza na criança burguesa.

O novo conceito de infância foi fruto de uma construção ao longo do tempo, e KRAMER(1995, p. 19) faz um breve histórico do desenvolvimento da infância, desde a sociedade feudal até a sociedade burguesa, mostrando que:

A idéia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre, e nem da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade.

Kuhmann Júnior e Fernandes apud Müller e Redin (2007) consideram, que a infância, na pluralidade das suas configurações, é circunscrita à um discurso histórico, fruto de variados contextos. Temos a criança concreta, datada, situada, fazendo parte de um contexto favorável ou hostil a sua pessoa, contribuindo não só para a sua representação, como fazendo parte de uma categoria social, mas também deixando marcas, forjando memórias. A partir daí a infância, ou infâncias estão situadas nos lugares que as diferentes sociedades reservam para eles: infâncias múltiplas, diversificadas, constituídas em diferentes culturas, contextos sociais, tempos e espaços de vida. O olhar da infância que temos atualmente é fruto da modernidade, passando a ter outro sentido.

Dessa forma, acrescenta Müller e Redin (2007, p.12):

Além do desenvolvimento de uma “cultura mais científica” em relação à criança, calcada nos movimentos da saúde e da higiene, os estudos sobre o desenvolvimento infantil começaram a fazer parte dos ideários desse período, marcando consideravelmente as pedagogias da época.

Desta forma, a sociedade, as escolas e os hospitais começaram a se preocupar com o bem-estar das crianças. Em relação à educação escolar, surge a preocupação e a necessidade da escola abrigar crianças de 0 aos 6 anos, o que anteriormente era só a partir dos 7 anos. Passando a ser considerado importante na formação do ser humano, segundo Müller e Redin (2007, p.13):

Constata-se pela história da educação ou essa descoberta da infância como um período áureo da vida coloca na figura das crianças uma grande expectativa sobre seu futuro – o que poderia se tornar aquele pequeno homem ou aquela pequena mulher.

Após a Segunda Guerra Mundial houve uma valorização da pré-escola, em que existiam 5 fatores: os de ordem sanitária e alimentar; os que correspondiam a assistência social; os relacionados com as novas teorias psicológicas e sua divulgação ou renascimento; os referentes às diferenças culturais e os fatores educacionais. Com esse conjunto a educação pré-escolar começou a ser reconhecida. Na década de 30 a pré-escola começou a ascender na Europa e nos Estados Unidos Kramer (1995, p.26) afirma que:

Seu principal objetivo era o de garantir emprego aos professores, enfermeiros e outros profissionais e, simultaneamente, fornecer nutrição, proteção e um ambiente saudável e emocionalmente estável para crianças carentes de dois a cinco anos de idade.

Percebe-se que junto com essa valorização, surgiu a inserção da mulher na indústria, e as mães não tinham com quem deixar seus filhos e perceberam na educação infantil um lugar para a criança socializar-se com as outras em que, de acordo com Kramer (2003, p.27):

Por um lado, foi introduzido o conceito de assistência social para crianças pequenas, sendo ressaltada a sua importância para a comunidade na medida em que liberava a mulher para o trabalho. Por outro, foi despertado o interesse por novas formas de atuação com crianças cujas famílias passavam agora por situações antes desconhecidas e que implicavam a ausência do pai (convocado para guerra) e, muitas vezes, a da mãe (engajada no trabalho produtivo). Surgia, assim, a preocupação com as necessidades emocionais e sociais da criança.

Deste modo, passa-se então a se preocupar com a situação emocional em que a criança se encontra, tomando consciência de que esta é um ser atuante e participativo considerando, segundo o RECNEI (1998, p.21):

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos.

A escola passa a ter um papel fundamental na formação social, emocional e cognitiva da criança, sendo então obrigação do estado, segundo Müller e Redin (2007, p.15):

A escola foi uma das instituições que mais se modificou no decorrer dos tempos: de restrita a poucos a uma escola para todos e obrigação do estado, a escola se expandiu tanto que nunca tivemos índices iguais ou maiores de crianças escolarizadas.

Sendo, então, muito difícil imaginar a sociedade atual sem a intervenção da escola, passando a ter um papel fundamental na formação de todo ser humano.

Para MÜLLER e REDIN (2007), a escola deve ser considerada um espaço privilegiado para a aprendizagem de uma prática social, um espaço de cultura, de criação como resposta aos desafios da vida, um espaço fértil de produção do novo e do inusitado, ou seja, um lugar para a construção de identidades.

Para que haja um engajamento completo e amplo da educação infantil, o professor precisa estar atualizado, criar novas possibilidades de aprendizado e de socialização com o âmbito escolar, sendo criativo e estando sempre a possibilitar a participação em grupo; visar sempre o planejamento as aulas, primar pelo acompanhamento da criança e na educação, no desenvolvimento e na formação de sua cultura e personalidade; ouvir as crianças, dando voz e vez as mesmas, considerando sua própria inserção como sujeitos sociais. Para Müller e Redin (2007, p. 20):

Torna-se necessário, portanto, situar a infância contemporânea para alçar a criança ao seu lugar de protagonista. Rastrear as concepções de cultura e buscar subsídios para compreender a memória como dispositivo não só individual, mas como fruto de significados coletivos e sociais.

Portanto, o professor é um protagonista que auxilia a criança a se sentir no mundo contemporâneo, é um mediador para que elas sejam representantes de sua cultura e que se tornem seres plurais.

1.2. A Educação Infantil: ações educativas e práticas de leitura

A educação infantil no Brasil é recente, fruto de um desenvolvimento histórico da sociedade e de muitos acontecimentos para chegar até os dias atuais. Passando por várias mudanças de forma crescente, com o desenvolvimento do país, da urbanização e a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Através da Constituição Federal de 1988 (CF/88), a educação é tida como direito de todos e dever do estado e da família (CF/88, artigo 205)¹. Nesta mesma carta ainda destaca-se que é dever do Estado promover a educação infantil em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade (CF/88, artigo 208, inciso I)².

Onde se cria uma obrigação para o sistema educacional sendo vista como uma fase escolar de suma importância e que garante esse direito a todos, além de que é dever do Estado e da família.

Como afirma Filho (2005), foi a primeira vez que se falou em educação infantil para criança, pelo menos em norma legislativa, passando a ser reconhecidas como cidadãs. E a partir de então, a educação infantil deixa de ser entendida como um direito da mãe que trabalha, mas sim um direito da criança.

A educação infantil nas últimas décadas vem avançando e tomando seu espaço no Brasil. Atualmente é direito de toda criança inclusive do ponto de vista legal, já que no artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei de nº 9.394/96) faz menção a esta questão, a educação infantil é considerada como etapa básica da educação escolar, abrangendo o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade³.

Visto que a educação infantil no Século XVII tinha como função de guardar as crianças, também tinha seu caráter assistencialista, já no Século XIX inicia-se a preocupação à ideia de educar, deixando de ter somente a responsabilidade de ter o cuidado, assumindo papéis com intenção pedagógica, considerando a criança como um ser pensante, ativo, capaz de produzir cultura.

Filho (2005) ressalva que os processos de formação deverão contribuir não somente para a aquisição de conhecimentos sobre a infância e as atividades pedagógicas, mas também, para o desenvolvimento de sensibilidade do educador e do compromisso com a transformação da realidade educacional.

¹ Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

² Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;

³ Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Os profissionais da educação devem considerar a criança como sujeito de cultura, que têm suas formas de se expressar, suas diversidades, tendo em mente que seu ponto de partida é a própria criança, pois ela vem carregada de conhecimentos e de saberes. Como consta no RECNEI (1998, p.22):

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças.

Além de considerar a criança como um ser social e pensante, é preciso considerar as múltiplas faces da infância, seus desejos e vontades, sua imaginação, o seu desenvolvimento de uma maneira mais ampla. Barbosa (2006, p.25) define a educação infantil como:

A educação infantil é constituída de relações educativas entre crianças-crianças-adultos, pela expressão, o afeto, a sexualidade, os jogos, as brincadeiras, as linguagens, o movimento corporal, a fantasia, a nutrição, os cuidados, os projetos de estudos, em um espaço de convívio onde há respeito pelas relações culturais sociais e familiares.

É preciso que todos estejam engajados para que as indagações feitas no papel se tornem realidade, de acordo com Filho (2005, p.7):

Apesar do ordenamento legal ter avançado no Brasil, no sentido de conceitos e estabelecimento de direitos para as crianças, a situação da infância brasileira ainda não é nada boa, ou mesmo razoável. Muito ainda tem-se por fazer. Educadores, pesquisadores, governantes e em especial professores precisam, diligentemente, lutar para assegurar as conquistas já alcançadas “no papel”, mas que não se concretizaram na realidade.

Além de professores, entes públicos, pesquisadores, a relação escola-família é muito importante no desenvolvimento emocional, motor e cognitiva da criança, mas o que infelizmente nem sempre acontece. Assim explica Paniagua e Palácios (2007, p.24):

Uma educação infantil de qualidade, com incidência real no desenvolvimento atual e futuro das crianças, supõe dar muita importância ao trabalho com famílias, mediante proposições reflexivas e fundamentadas que contribuam para que os pais e mães sintam-se competentes, para que tenham acesso ao conhecimento atual sobre a evolução e a educação de seus filhos pequenos e para que desenvolvam expectativas positivas em relação às suas crianças e ao mundo educativo.

Se deve dá grande importância aos amplos aspectos ligados a infância e a educação, portanto, a escola, a comunidade e a família. Como afirma Barbosa (2006), no que se refere à pedagogia na educação infantil, está ligado às relações entre o cuidado, a educação, a higiene, o sono, as diferenças sociais, econômicas, culturais das múltiplas infâncias, a relação com a família, o brincar e o jogo.

É necessário que todos se conscientizem que a criança precisa está envolvida no ambiente que seja propício para ela, junto com outras do mesmo nível de idade, vivenciando momentos que estejam de acordo com seu desenvolvimento etário. Rousseau apud Melo et al (2009, p. 17) relata que “a humanidade tem seu lugar na ordem das coisas, e a infância tem o seu na ordem da vida humana: é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança” entendendo cada fase de seu desenvolvimento.

Educar é sinônimo de uma atividade dinâmica, um ambiente alfabetizador, que leve todos a criarem estímulos para querer aprender mais, entrarem para o mundo do conhecimento e darem sentido a realidade cultural que se inserem. Alfabetizar não significa somente se prender a rituais de escrita e cálculo, mas sim, o conhecimento da sua própria expressão, as experiências das crianças, sua compreensão de mundo, a comunicação e a aquisição de conhecimentos. É o que preleciona o Recnei (1998, p. 23):

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.

Nessa junção de perspectivas para educação infantil, vale destacar as múltiplas linguagens, o que deixa claro a importância que se deve dar a prática de leitura nas diferentes formas. Que se acentua cada dia que passa a preocupação dos professores com o objetivo de formar leitores, sujeitos conscientes, ultrapassando as práticas mecanicistas em que nada contribuem para essa formação e trazendo para o cotidiano infantil a relação lúdica da criança junto ao livro. Como demonstra Brandão (2009, p. 119-120):

Acreditamos que a aventura e o prazer no jogo do faz de conta, sugerido na literatura infantil e/ou contação de histórias, é a porta de um mundo onde a criança pode intervir, estabelecer relações, imaginar, criar e recriar o ambiente que a cerca. Sendo assim, brincando com esse mundo encantado, as crianças “vestem-se” de diferentes papéis, experimentando distintas emoções e vivências que as ajudam a construir a sua identidade.

A literatura infantil abre as portas para o mundo da imaginação onde ela pode criar o seu próprio “mundo de faz de conta” e com isso ajuda a desenvolver seu lado criativo.

2. LITERATURA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: MODOS E FORMAS DE EDUCAR NA INFÂNCIA

O presente capítulo visa resgatar o valor da literatura infantil na educação por meio da contação que envolve a linguagem verbal(fala, vocabulário) e não verbal (cenos, gestos, espanto, escuta, mexendo com a emoção, expectativa e o interesse), devolvendo as funções psíquicas das crianças e remota a contação de histórias infantis na educação familiar e, posteriormente, na educação infantil no contexto escolar, chamando a atenção para o livro vivo na aprendizagem da leitura x didatismo, e o resgate da contação x computação.

2.1. A literatura infantil: o prazer por aprender e modos de ensinar

Percebe-se na sociedade o desinteresse para com a leitura, fator que pode ser caracterizado, pelo fraco desenvolvimento cognitivo, o desestimula para as novas descobertas e pelo desconhecimento do prazer da leitura.

Nos dias atuais é comum encontrar alunos do ensino fundamental que não sabem ler com fluência, nem sabem ler com qualidade, indivíduos que são frutos e vítimas de uma educação defasada, sem incentivo a leitura e que não são portadoras do habito de ler. Não é raro ouvir profissionais da educação dispararem discursos da não importância da leitura para os “pequenos”, defendem a ideia: do não faz sentido, além do mais, supõem que a literatura está inteiramente ligada a atividades desgastantes. Dessa forma, esclarece Brandão (2009, p. 124):

Basicamente, o grande problema é que professores e professoras em sua maioria, só se reconhecem como competentes quando recheiam suas práticas com atividades escritas. pode-se concluir, com isso, que o conhecimento só é válido se estiver estampado em letras e números, entendemos que ler e escrever tornou-se marca de inteligência. É como se a antecipação dos conhecimentos tornasse a criança mais inteligente. Esse fato, ao contrário disso, vai inibir o desenvolvimento simbólico da criança, referencial fundamental no processo de construção de conhecimento. E esse desenvolvimento

simbólico se dá no espaço da contação de histórias, da dramatização, da música, da brincadeira, da corporeidade.

Percebemos que a leitura tem se tornado uma ferramenta essencial para o desenvolvimento humano, por isso a importância de introduzir e estimular ao ser, desde sua tenra idade, a encontrar na leitura o prazer e estímulo para o conhecimento. Neste sentido, afirma Souza e Bernadino (2011, p.236):

As instituições educacionais recusam um trabalho diferenciado com a leitura, porque a contação de histórias se distancia dos métodos das avaliações. Não se pode medir notas ou conceitos quando contamos ou ouvimos um conto e a escola tem dificuldades em trabalhar com aquilo que não pode ser avaliado. Tal dificuldade é vista até mesmo com a literatura infantil, que perde a sua beleza quando o texto se transforma em uma ferramenta avaliativa, fazendo com que o prazer da leitura se perca com a avaliação. O fracasso escolar no ensino fundamental se refere ao desenvolvimento pelo gosto da leitura e formação de leitores, que recai sobre a forma como o professor está trabalhando a relação do livro com o aluno. A literatura não está recebendo um estímulo adequado e a contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, e não uma tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos para as provas, afastando o aluno do prazer de ler.

A literatura é uma arte, que, a partir dela, pode-se criar um universo à parte, abrindo as asas da imaginação, pertencendo então ao universo da ficção, como afirma Coelho, apud Góes (2010, p.12):

Literatura é Arte, é um ato criador que, por meio da palavra, cria um universo autônomo, realista ou fantástico, onde os seres, coisas, fatos, tempo e espaço, mesmo que se assemelhem aos que podemos reconhecer no mundo concreto que nos cerca, ali transformado em linguagem, assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo da ficção.

Bakhtin (1992, apud CASTRO) expressa sobre a literatura infantil abordando que por ser um instrumento motivador e desafiador, ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade.

A literatura infantil até pouco tempo era considerada como algo pueril, como brinquedo ou algo para entreter a criança para que ela ficasse quieta, mas no século XX, com a ajuda da psicologia que surge a valorização e a grande importância do uso da literatura infantil, onde é considerada como um fenômeno que amplia a formação da mente da criança. Conforme Coelho (2000, p.30):

O caminho para redescoberta da literatura infantil, no Século XX, foi aberto pela psicologia experimental, que, revelando a inteligência como o elemento estruturador do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios do seu desenvolvimento (da infância à adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto.

A função da literatura é oferecer momentos de distração, é uma forma de dar prazer para quem ouve e para quem está lendo, como afirma Góes (2010) que o ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças, e melhor ainda, quando há as quatro coisas de uma vez.

O mesmo autor citado no parágrafo anterior traz que (2010, p.37):

A função primeira da Literatura para Crianças e Jovens é a estético-formativa, a educação da sensibilidade, pois reúne a beleza da palavra e a beleza das imagens. O essencial é a qualidade de emoção e sua ligação verdadeira com a criança. Há emoções poéticas que, presentes ou não no livro infantil, são diretamente acessíveis a todas as crianças e jovens.

Se objetiva tornar as crianças um futuro leitor, diz-se que o leitor não nasce pronto, ele precisa ser fruto de uma construção de saberes, segundo Coelho apud Góes (2010, p. 61), existem várias fases que ocorrem com a construção do leitor:

Pré-leitor (1ª fase: a partir dos 3-4 anos) – “fase de elaboração da linguagem”, quando a criança toma contato com a nomeação do mundo – em que se lê nos olhos dos pais e dos seres de afeto o texto básico da vida: o amor. A ausência desse texto é responsável por diversas dificuldades no desenvolvimento e aprendizado da criança, notadamente da criança carente e abandonada ou descuidada pelos adultos.

(2ª fase: a partir dos 4-5 anos) – “fase da ampliação do mundo conhecido e da linguagem identificadora”.

Leitor iniciante (a partir dos 6-7 anos) – fase em que a sua alfabetização está em relação direta com a sua convivência-vivência com os livros; fase em que “precisa ser seduzida pelo mundo

complexo e fascinante da linguagem escrita: um código a ser decifrado”.

O desenvolvimento do leitor depende das oportunidades e situações que a criança vai ter ao se debruçar sobre o livro. Sabe-se então, que um dos objetivos principais da pedagogia é formar futuros leitores, sujeitos ativos, críticos e autônomos; para isso é necessário fazer da leitura um hábito, entretanto, nem todas as escolas adotam essa prática, principalmente na educação infantil, partindo da ideia de que as crianças não sabem ler. Ainda nesse contexto, esclarece Brandão (2009, p. 119-120):

Sabemos que a maioria das atividades que são realizadas é basicamente voltada para exploração de conteúdos, ou seja, a pedagogização dessa prática através de cobranças de atividades sem significados com vistas na “formação do leitor”, como se essas crianças já não lessem. Esse tipo de atitude pedagógica faz com que a criança vá construindo uma história de fracasso e de cansaço. Partindo desse pressuposto, a discussão presente trata de necessidade de uma relação lúdica da criança com o livro, nesse caso, interessa-nos refletir como a literatura está sendo vivenciada na educação infantil, haja vista que a criança desenvolve o gosto pela leitura em suas múltiplas linguagens. Acreditamos que a aventura e o prazer no jogo do faz de conta, sugerido na literatura infantil e/ou contação de histórias, é a porta de um mundo onde a criança pode intervir, estabelecer relações, imaginar, criar e recriar o ambiente que a cerca.

Segundo Busatto (2008), contar histórias é diferente de representar histórias, todos sabem, porém, iniciada a narrativa começam a surgir os primeiros indícios da representação: o corpo de um personagem, a voz de outro. A linguagem teatral (não verbal) é um recurso didático rico, mas tem elementos distintos daqueles da narrativa. No teatro busca-se o gesto exato de cada personagem, sua voz, seu pensamento, de tal maneira que ele se apresenta inteiro para quem esteja assistindo. Na narrativa o personagem será concebido pelo ouvinte através dos elementos oferecidos pelo narrador, muitas vezes não mais que meia dúzia de palavras, as quais fornecem elementos suficientes para que o personagem crie vida no imaginário do ouvinte.

Para que a história seja absorvida e que chame a atenção da criança para o que está acontecendo, e o professor alcance seu objetivo, para Bustatto (2008, p. 47) é preciso contar com o coração e com a alma:

Se quisermos que a narrativa atinja toda a sua potencialidade devemos, sim, narrar com o coração, o que implica em estar internamente disponível para isso, doando o que temos de mais genuíno, e entregando-se a esta tarefa com prazer e boa vontade.

Mas, deve-se ter cuidado ao querer infantilizar a linguagem no momento da contação, pois levará a criança a ficar restrita ao seu mundo, e não fazê-la evoluir, se desenvolver, como afirma Góes (2010, p.40):

É importante não infantilizar, não trancar a criança no seu próprio mundo. Ao contrário, os valores, os assuntos, a linguagem, os interesses e a apresentação dos livros devem corresponder ao desenvolvimento da criança. Os livros contendo esses requisitos estarão contribuindo para a construção da personalidade infantil.

Quando as crianças ouvem histórias, passam a considerar de forma mais clara os sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias cogitam problemas existenciais característicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos.

Antes de o livro ser lido para as crianças pela professora, ou pelo narrador, é preciso que se tenha conhecimento prévio da história que vai ser contada. Não pode ser contada de qualquer forma, tem que haver confiança no que vai ser passado para a criança. Segundo Faria (2010, p.13):

É necessário, pois, que o mediador da leitura – o professor, o animador – conheça razoavelmente bem tais instâncias do discurso literário. Assim ele pode perceber as sutilezas e as muitas maneiras de ler um livro, atendendo sempre às expectativas e competências dos pequenos leitores. Com isso, sem dúvida, tornará a atividade de leitura em sala de aula muito mais rica e prazerosa.

Para que haja aproveitamento do texto a partir do momento da leitura: “é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto... que saiba dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário...” (ABRAMOVICH, 1997, p. 21).

O professor precisa criar um ambiente propício e agradável para o momento da leitura, com isso, no decorrer do tempo, as crianças irão aprender a ouvir,

aprender a se concentrar, tudo isso depende do profissional que está passando a mensagem, como define o RECNEI (1998, p.143) em que:

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida.

A escolha do livro infantil, não deve ser feita apenas pela aparência, não se deve levar em conta somente a atração superficial, deve-se analisar o conteúdo implícito, devendo atender as necessidades da criança, define Góes (2010, p.40) que é preciso ter:

Objetividade de informações: os livros podem transmitir uma porção de conhecimento, desde que baseada em informações comprovadas, exatas. É importante que as histórias infantis transmitam informações objetivas que abranjam as descobertas de nossa era, nos campos geográfico, histórico, científico e cultural em geral, mas podem vir diluídas no lúdico os conhecimentos referentes às descobertas realizadas no passado ou no presente.

A escola, por sua vez, deve reservar um espaço designado a leitura com espaço físico adequado, sem distrações externas, tornando o momento da leitura um período de laser, usando diversos recursos lúdicos, que tornem a literatura viva. Como informa Brandão (2009, p. 125-126), pode se criar:

- a) Histórias vivas – As crianças confeccionam almofadas, quadrinhos, tapetes, biscoitos a partir dos personagens das histórias lidas;
- b) Malas encantadas – São caixas (em forma de malas) contendo contos e fantasias, que funcionam como uma biblioteca ambulante devendo, portanto, a criança levá-la para casa nos finais de semana;
- c) Roleta de histórias – confeccionada com disco de vinil, em formato de pizza, onde cada fatia dispõe de elementos constitutivos de narrativas (lugares, personagens, clímax, desfecho, objetos) que favorecem a construção oral da história de acordo com a indicação do ponteiro da roleta.
- d) Dados que contam histórias – Semelhante ao jogo da roleta, isto é, cada face do dado contém um elemento da história, que vai sendo contado de acordo com a jogada.

e) Ginástica historiada – a história vai sendo contada através do enredo, cria-se situações expressivas que serão realizadas pelas crianças.

Segundo Busatto (2008), numa narrativa existe apenas um personagem: você, o narrador. Você é o personagem central que irá conduzir a história de tal forma que um pequeno gesto, empregado à fala de um personagem crie para a criança todo o referencial necessário para que a sua imaginação se encarregue do resto.

Abramovich (1997) ressalta que é preciso evitar os detalhes mínimos dos personagens, não deixando a criança aberta para seu imaginário, é interessante também, que o leitor fique atento às modalidades da voz, para que o ouvinte vivencie a história, é necessário também saber o momento certo de começar a contação da história e tentar fixar as crianças na história até o fim dela, convidando-a para participação, assim como, quando acaba a história, dizer de um jeito especial; dar espaço para as crianças folhearem o livro, e a partir daí contar a história de acordo com sua imaginação e criatividade.

Como bem asseveram Souza e Bernadino (2011, p. 245):

Para a escritora de literatura infantil e juvenil, pedagoga, atriz e contadora de histórias profissional Fanny Abramovich os cuidados e preparos do professor/contador de histórias se referem a: 1. Saber escolher o que vai contar, levando em consideração o público e com qual objetivo; 2. Conhecer detalhadamente a história que contará; 3. Preparar o início e fim no momento da contação e narrá-la no ritmo e tempo que cada narrativa exige; 4. evitar descrições imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança; 5. Mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, trazendo-a para o contato com o objeto do livro e, por consequência, o ato de ler; 6. e por último, saber usar as possibilidades da voz variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo.

Ao narrar uma história, é interessante contar histórias em pé “narrar em pé abre a possibilidade desta locomoção, deste movimentar-se criando imagens. Sentado perde-se um pouco desta mobilidade” (BUSATTO, 2008, p. 76). Permitindo assim, que o professor faça movimentos corporais e que chame a atenção dos alunos no “olho a olho”; um olhar projetado onde o contador possa fazer o suspense e levar surpresas, para que a história fique mais admirável.

O uso de objetos em uma narrativa é interessante e estimulante, onde desperta ainda mais o imaginário da criança, mas, não necessariamente devem ser descritos pelo conto. Dessa forma, afirma Bustatto (2008, p.77):

Panos são bons elementos. Um simples lenço poderá ser muito versátil neste caso. Além de ser um objeto de uso pessoal que você poderá estar usando naquele instante, ele irá brincar com o imaginário. No momento oportuno irá indicar o vento soprando, o tempo passando, uma flor desabrochando, uma pena caindo, um barco navegando, uma criança crescendo[...].

Não obrigatoriamente o uso dos objetos esclarecia tudo na narrativa, mas que a imaginação da criança se encarregue de mudar as formas. Nesse sentido, esclarece Brandão (2009, p.120): “Sabemos que a infância é a época em que as fantasias precisam ser nutridas, em que o mundo fantástico do faz de conta leva a criança à compreensão da complexidade em que vivem os alunos”.

Maria Helena Martins (apud Faria 2010, p. 14-15) considera que existem três níveis de leitura: o sensorial, o emocional e o racional. O nível sensorial se refere aos aspectos externos à leitura: o tato, o prazer do manuseio de um livro bem acabado, com papel agradável; o emocional é aquele que incita a fantasia e liberta as emoções; o nível racional está relacionado ao plano intelectual da leitura. Ela também fala que não se pode tratar cada um desses níveis individualmente, segundo ela “o homem lê como em geral vive, num processo permanentemente de interação entre sensações, emoções e pensamentos”.

Ao contar uma história, são vários aspectos que são despertados nas crianças, além de ajudar na formação de sua personalidade. Como define Souza e Bernadino (2011, p.236):

As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade.

Para contar uma história, é preciso dar asas a imaginação, deixar fluir o seu lado criança de ser, ter criatividade, fazendo com que se aproximem cada vez mais da leitura e prendam a atenção até o fim da história.

2.2. A contação de história no contexto da educação infantil

É importante enfatizar que a literatura, através da contação de história está presente para as crianças desde quando estão no ventre da mãe, como afirma SISTO (2010, p.1):

Há quem afirme a eficácia de embalar os bebês, ainda no ventre, com a melodia da voz da mãe, contando histórias, para familiarizar a criança desde aí, com mecanismos narrativos, e com proximidade e o afeto que o contar histórias envolve. Essas ações, de certo modo, já fazem parte das estratégias para a formação do leitor.

Góes (2010, p.50) defende essa prática, desde a formação do bebê, facilitando a linguagem no seu desenvolvimento, o afeto é um importante fator para essa evolução da linguagem, a literatura é importante para a formação da personalidade:

No bebê, é importante o momento de sua formação, em que se insere a linguagem, evoluindo até descobrir o sistema pré-fabricado de sinais sonoros oferecido por seu meio social e dominar o sistema linguístico do seu grupo social. A palavra é o maior privilégio do homem, e é ocupando-se com ela que a mãe ensina a língua materna. A linguagem implica o contato e o comércio afetivo.

Quando a criança está inserida no hábito da leitura, ela participa da ação pedagógica; a literatura antes de tudo é a vivência da arte, sabem que na hora da contação é preciso ouvir, segundo Sisto (2010, p. 03):

Na medida em que se familiarizam com a arte, as crianças vão percebendo os elementos estéticos- os elementos que fazem daquele “objeto” um objeto de arte. Eles também vão, desde cedo, criando critérios de valorização (mesmo que de forma simples), de comparação, de classificação, de fruição (o prazer de ouvir; o prazer de ter contato com uma história bonita e bem contada; o prazer de ver imagens (ilustrações) instigantes nos livros, etc). A convivência e familiaridade com a arte faz surgir a necessidade de torná-la cada vez mais presente no cotidiano, no dia-a-dia, na vida. A arte passa a ser não só o proteger (futuramente?) das agruras da vida. A arte passa não só a ter um valor como a ser um valor. E a literatura, poço a pouco, vai se tornando esse valor na vida do leitor. Prazer e catarse também entram nessa relação!

PEREIRA (2007, p.2) frisa que o uso do livro infantil, nas salas de aula, produzem significativos resultados, “tem o objetivo de formar cidadãos críticos e reflexivos, que possam transformar a realidade em que vivem”.

As pequenas atitudes no cotidiano escolar devem partir do professor, instigando os alunos a quererem ouvir uma boa história, ler com qualidade, com vontade, a literatura pode se tornar uma grande aliada no desenvolvimento infantil. Com isso Sisto (2010, p. 03-04) define que:

Pode-se dizer: as crianças que têm contato com as histórias desenvolvem mais a imaginação, a criatividade e a capacidade de discernimento e crítica; na medida em que se tornam ouvintes e leitores críticos, as crianças assumem o protagonismo de suas próprias vidas. O que começou, lá no passado com o objetivo de apontar padrões sociais aceitáveis – começou, lá no passado com o objetivo de apontar padrões sociais aceitáveis – “instruir mais que divertir” foi sempre o objetivo dos textos direcionado às crianças – pode gradualmente, se tornar também um saudável exercício de cidadania, se proporcionar a discussão, a contestação, e a relativização das ideias. Essa dimensão nunca pode ser ignorada pelo professor que usa as histórias em seu trabalho na sala de aula. Isso tudo somado à experiência estética que a narração oral proporciona é mais do que suficiente para os livros se tornarem companheiros inseparáveis das crianças no processo de aprendizagem e aquisição do gosto pela leitura.

Além disso, é preciso que a criança tenha o contato direto com o livro, aprendendo a manuseá-lo e perceba o que tem na capa, as imagens dentro deste, é importante o contato individual da criança com o mesmo. Segundo Debus (apud BRANDÃO, 2009), devemos aproximá-los o máximo possível da ludicidade que se instala nas brincadeiras, criando, portanto, o livro- vivo, o livro- brinquedo, nos quais a criança possa tecer suas leituras de corpo inteiro: ler com os olhos, ler com as mãos, ler com os pés, ler com a boca, ler com o nariz, enfim, livros que levem a criança à descortinar o mundo a partir de múltiplas linguagens, livros estes que serão marcados com cicatrizes da experimentação. Costa (2007, p.27) afirma que:

Ao tomar contato com a literatura infantil, a criança aprenderá não apenas a familiarizar-se com a linguagem escrita. Muito mais do que isso, a criança estará formando o modo de pensar, os valores ideológicos, os padrões de comportamento de sua sociedade e, em especial, estará alimentando seu imaginário.

Alguns professores precisam deixar de lado a ideia de que a literatura está ligada diretamente a gramática, interpretação de texto com perguntas já prontas que a criança tem que responder a resposta corretamente, tornando a aula desgastante, e com isso desmotiva a criança, a partir da contação de história deve ser um momento de lazer, de divertimento, descontração, onde, segundo Góes (2010, p.36):

[...] O terceiro pecado capital: o didatismo. É quando, mesmo com o objetivo de recrear, passam-se lições. Há livros recheados de ensinamentos cansativos, monótonos, disfarçados como recreativos. Não confundir com o livro informativo, cujo objetivo principal é informar.

Para conseguir formar as crianças em futuros leitores, é preciso que se implante o hábito da leitura, que faça parte da rotina delas. Como frisa Brandão (2009, p.120):

Diante disso, reconhece-se a necessidade da presença constante da literatura infantil na escola, cabendo aos professores estabelecerem uma relação de prazer entre a criança e o livro, levando em conta o desenvolvimento da criança.

Além de a criança ter o contato direto com o livro, manuseá-lo, ver as imagens, é importante deixá-las livres para fazer a sua contação da maneira que ela entender, mesmo as que ainda não sabem ler fazem a sua história através das imagens e a partir daí a mesma se encanta com o que está vendo e se interessa pelo ato de ler. Dessa forma, esclarece Bustatto (2008, p.40) :

Que tal estimular os alunos a contar histórias? Além de ser um exercício de socialização, a criança estará desenvolvendo aptidões importantes, como se expressar perante um grupo de pessoas com desenvoltura e domínio de espaço. Ao mesmo tempo estará entrando em contato com outros afetos, pois ao dar forma e expressão aos sentimentos contidos no texto ela aprenderá a lidar com os seus, e tudo isso leva, conseqüentemente, a uma ampliação dos seus recursos internos e a um amadurecimento psicológico.

O ideal para a criança é deixar fluir a imaginação, deixar livros de diversos tipos (de pano, de plástico) - fantoches, aventais que contam histórias, dedoches, luvas com personagens, entre outros - ao seu alcance, para que o mundo da fantasia abra as portas para a imaginação, como Brandão (2009, p. 126) afirma “

proporcionando uma viagem prazerosa no mundo do “era uma vez [...]” “deixando-as felizes para sempre.

As histórias lidas permitem que a criança comece a ver o mundo com outro olhar, começar a ter a noção dos valores, culturas. O RECNEI (1998, p.143) diz que:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que freqüentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças.

Em meio de tecnologias avançadas, no mundo cibernético, existem histórias digitais, computadorizadas, mas não têm o mesmo encanto de uma história lida com qualidade por um contador, e o que encanta e fascina as crianças e até mesmo o público adulto, são as surpresas que aparecem no decorrer da leitura contada. Nesse mesmo contexto, afirma Souza e Bernadino (2011, p.240):

Na história computadorizada não encontraremos mais a voz primordial do contador, vamos encontrar a voz do narrador que auxiliado por sofisticados recursos tecnológicos mantém a história acesa. O narrador lança imagens no ar e os ouvintes as transformam na sua história, ancorados no seu imaginário e pela sua própria história de vivências para construir personagens, situações e ações. A recepção da história é uma ação individual, e aquelas mais procuradas pelas crianças ainda são as que possuem um narrador humano, conclui-se que a figura do contador de histórias continua sendo a ponte entre o ouvinte e o conto, esteja este ao vivo ou na tela do computador.

A literatura infantil tem o papel fundamental de formação da consciência, a formação do intelecto, e são os livros que nos dão suporte para a ascendência dessa formação, e a escola deve ser o espaço privilegiado para dar os alicerces para a formação do sujeito leitor e ativo.

3. EXPERIÊNCIA COM LITERATURA INFANTIL E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

O presente capítulo visa apresentar as análises feitas com as mães e professora a partir dos questionários e a realização das oficinas pedagógicas com o intuito de promover a prática de leitura e contação de história, com isso observar o prazer que a criança tem com a mesma, a vivência da literatura e a formação do leitor, criando um hábito de leitor proficiente.

3.1. Escola Municipal Manoel Francisco da Motta: Breve histórico

A pesquisa foi realizada em uma sala da educação infantil na Escola Municipal Manuel Francisco da Motta, situada na cidade de Campina Grande, estado da Paraíba, no bairro de Bodocongó. Esta foi fundada em maio, de 1963, sob a tutela do Conselho Regional de Ensino. De início foi denominada de Grupo Escolar Manoel Francisco da Motta, pois durante 29 anos destinou-se basicamente à formação de alunos de 1º a 5º Anos do Ensino Fundamental. Na época eram admitidos na escola somente filhos de industriários e funcionava somente no período diurno.

Em 2003 a escola foi municipalizada e passou a ser chamada de Escola Municipal Manoel Francisco da Motta. Seu nome foi uma homenagem ao industrial do couro o Senhor Manuel Francisco da Motta, em virtude de suas fábricas serem localizadas em Bodocongó. Atualmente a escola funciona no período da manhã e da tarde com Educação Infantil, 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental.

A escola conta com 12 salas de aula, uma biblioteca que tem o acervo de aproximadamente 1000 livros (Literatura Infantil e paradidáticos), uma secretaria, uma sala de professores, 9 sanitários femininos e 9 masculinos, um pátio coberto, uma cozinha, uma sala de atendimento educacional especializado, almoxarifado, um parque e possui uma área arejada com árvores e uma pracinha.

O corpo docente da Escola é composto de 21 professores, atendendo a Educação Infantil, o 1º e 2º ciclos inicial e final do Ensino Fundamental, obedecendo a seguinte qualificação: 17 professores, destes 16 são licenciados, 15 especialistas e 1 com Ensino Médio tendo o pedagógico. A equipe de apoio deste estabelecimento de ensino é composta por 03 secretários, 06 auxiliares de serviços, 02 merendeiras, 02 auxiliares de cozinha e 02 vigilantes. O corpo discente é constituído num total de 644 alunos, sendo 316 no turno da manhã e 328 no turno da tarde.

A referida escola conta com diversos projetos, tais como o Trilhas, um projeto que leva para o cotidiano das crianças a literatura, eventos envolvendo a leitura de diferentes maneiras.

Para o alcance dos objetivos foram desenvolvidas algumas atividades ou situações, como exemplo a leitura e contação de histórias por professora e crianças. Ações que foram observadas: contação das histórias e a interpretação das crianças, a oportunidade da criança vivenciar a história de maneira lúdica e deixar fluir a sua criatividade e sua imaginação.

3.2. Prática da educação infantil: saberes literários de pais e professora

Ao concretizar essa pesquisa de campo, foram realizados questionários com a professora da sala de aula e com mães dos alunos a fim de analisar como a arte de contar história tem influenciado nas práticas leitoras, percebendo-se que esta formação depende de como a criança tem contato com o livro. A convivência da contação de história com os pais é fundamental no processo de formação leitora da criança. Além da escola lançar práticas de leitura, a família tem o importante papel de criar um hábito de ler. Maia nos dá o seguinte esclarecimento (2007, p.51):

Embora haja uma ênfase na escola quanto ao papel da formadora de leitores, outra instituição também é cobrada a dar sua contribuição: a família. As pesquisas mostram que um leitor se forma até os doze anos de idade(dados da UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), sendo, pois,

fundamental que a criança trave contato com o livro desde os primeiros anos de vida. Nesse particular, o papel dos pais que leem para os filhos e que se interessam sempre por suas leituras ganha relevância.

Tendo em vista o valor existente nas práticas de leitura na escola, este questionário foi realizada com a professora e esta foi questionada sobre a importância das leituras desenvolvidas no espaço da biblioteca onde ela respondeu que: “Estimular o hábito da leitura é bastante importante, quanto mais cedo começar, melhor. A biblioteca da escola é um veículo que favorece o acesso das crianças aos livros”.

Podendo analisar a partir da fala da professora que a literatura infantil na sala de aula é muito presente, onde utiliza-se o espaço da biblioteca e vários recursos para a aplicação da leitura na escola, além de promoção de eventos utilizando práticas de leitura. Zilberman (2009, p.22) enfatiza que:

O papel original da escola, intermediando as relações entre o ser humano e a escrita, amplia-se, convertendo-se na principal ponte entre seu usuário – o estudante, que inicia na infância sua trajetória pelo ensino, já que a escolarização torna-se obrigatória desde os primeiros anos de vida – e a cultura, sendo a aquisição da leitura uma das condições de aprendizagem. São várias razões pelas quais a leitura passa a ocupar o primeiro plano, em detrimento de outras modalidades de percepção e representação da realidade, vindo a funcionar como a porta de entrada do jovem ao universo do conhecimento.

Partindo deste pressuposto, uma das questões que preocupam a docente no que se refere a relação da criança com a leitura é a influência da mesma. Deste modo a professora Cinderela (2012) quando indagada sobre a participação da leitura no desenvolvimento da criança, nos respondeu: “A leitura abre um caminho cheio de possibilidades, tanto para a sua vida pessoal como social. Para mim, a literatura é emoção, apreciação, encantamento, imaginação, é prazer. Desenvolver o gosto pela leitura, informa e educa”.

O depoimento da professora mostra que esta tem a consciência, junto com a escola, que a literatura é uma ferramenta que realmente é de grande valia para o desenvolvimento de forma ampla da criança e é preciso que todos se atentem para essa questão.

Com a proposta de analisar como são feitas as práticas de leitura e como ocorre esses saberes através da arte de contar histórias, ao perguntar a professora Cinderela (2012) quais os recursos utilizados na contação de história ela nos deu a seguinte afirmação: “Uso livros variados, aventais, fantoches, dedoches, tapetes de histórias, bonecos e histórias contadas oralmente”.

A partir dessa indagação, nota-se que a professora utiliza de vários recursos para convidar as crianças ao o universo do imaginário infantil. A escola deve disponibilizar espaços e recursos para que haja uma absorção da leitura para as crianças, com isso a professora quando questionada se as ações educativas realizadas na escola têm contribuído nas práticas de leitura entre os alunos, Cinderela (2012) respondeu que:

As ações de leitura da escola inteira contribuem nas práticas de leitura, onde em uma delas, são realizados rodas de leitura onde as crianças de cada sala contam histórias para outros níveis de escolaridade, isso estimula cada vez mais o prazer e o gosto pela leitura. Os alunos escolhem livros, contam histórias uns para os outros. Isso é motivação!

Nesse sentido, as crianças já fazem uso da literatura para seu enriquecimento, de acordo com o que diz a professora, eles já se sentem íntimos dos livros, já demonstra o gosto por ler, mesmo não tendo a prática de letramento ainda.

Já que a escola dispõe de vários ambientes, o quesito seguinte para o questionário foi relacionado com a utilização do espaço da escola para o desenvolvimento da contação de história, ao procurar saber se a professora acredita que a escola seja um espaço motivador de leitura, incentivando o desenvolvimento psicológico, social e emocional entre as crianças, ela afirmou que:

Sim, a escola dispõe de diversos ambientes que podem ser usados para a realização da contação de história, além da própria sala de aula, existem os ambientes externos em contato com a natureza, a biblioteca e o pátio da escola.

Neste sentido é preciso explorar os vários ambientes da escola, fazendo com que a criança deixe fluir a imaginação.

Ao saber se a literatura infantil deve sempre está presente no cotidiano da escola de acordo com a opinião da professora, que em sua abordagem afirmou que “Sim, costumo contar histórias todos os dias”.

Contudo, a escola deve investir na proposta literária, fazendo uso dela cotidianamente, para que isto se torne um hábito. Abramovich (1997, p. 143) afirma que:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar e questionar. Pode se sentir inquietada, cutucada querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez no ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente.

Conforme a afirmação do autor é importante então reservar uma hora do dia para a contação de história, criando-se então este hábito de ouvir e ler histórias. Além de propor situações em que a criança questione, opine sobre o livro abordado.

Com o propósito de saber qual a relação que a família e a escola apresentam, a indagação foi a respeito de analisar se há esta relação e se a família busca meios de educar através da leitura, a afirmação foi a seguinte, “Sim, estão inclusive sempre a par dos projetos sociais realizados na escola”.

Portanto, as práticas de leitura influenciam no desenvolvimento das crianças, e é preciso que a família esteja diretamente relacionada com a leitura, realizando o estímulo para tal. Onde, muitas vezes, os pais em casa não reservam um tempo para ler com o seu filho, propor momentos de prazer com a leitura, como Góes (2010, p.54) propõe:

Será que os pais sabem discutir com o filho este ou aquele livro, despertar-lhe o interesse para a grande importância de um tema? Amor, problemas raciais, paz, e tantos outros? Será que, ao lado do futebol e da novela da moda, não haverá lugar para o livro?

É preciso então, que a família busque meios para incentivar a criança para o gosto do imaginário infantil pelo interesse da leitura, convidando-a para ler juntos, é importante que haja o despertar do adulto pela atividade de ler para crianças desde sua tenra idade, possibilitando a ampliação do conhecimento.

Além da professora, foi realizado um questionário com 5 mães de alunos da sala observada, onde foram realizadas as oficinas. Essas mães tinham uma faixa etária de 26 a 35 anos, todas elas apresentaram o nível de escolaridade entre o fundamental e o ensino médio incompleto, nenhuma delas tinham nível superior. O questionário aplicado às mães nos motivou no sentido de compreender a ação da professora com relação a prática de leitura em sala, o papel da mãe nos lares com o incentivo da prática leitora para que assim pudesse entender a motivação das crianças com os livros na escola já que em casa também há ou não um ambiente propício para esse incentivo.

No sentido de observar como para as mães a leitura adquire um valor fundamental na vida dos seus filhos, estas ao serem indagadas se gostam de ler, se há motivação para leitura, algumas delas deram a seguinte afirmação:

Para manter-me mais informada e atualizada, a leitura ajuda a falar e se expressar melhor. R.M.C.

Para meu aprendizado K.R.B.M.

Para ficar mais informada L.C.S.C.

Com isso pode-se observar que a maioria das mães questionadas gostam de ler, com isso, essa prática e o gosto pela leitura pode ser repercutida na formação leitora do seu filho em casa, essa atitude contribui na escola no trabalho do professor com essas práticas e a relação da família com a escola.

É sabido que a participação da família é fundamental e se em casa é oferecido momentos de leitura esse tipo de ação ajuda na proposta pedagógica do professor, desse modo foram questionadas sobre o hábito de leitura para os seus filhos a maioria respondeu que geralmente leem para eles uma vez por dia, tendo em vista esse aspecto, acreditamos que para elas a leitura aparece com grande importância na vida da criança, tendo visto que ela é o ampliador da imaginação.

A literatura infantil exerce a função de aprimorar os laços de desenvolvimento e descobertas da criança, desenvolvendo seu senso crítico, ampliando seu vocabulário, aumentando sua habilidade de escutar, além de criar alternativas de diversão e prazer para estas. Elas aprendem desde cedo que as expressões contidas nos livros podem criar mundos imaginários. Com essa proposta, as mães foram indagadas sobre o que elas compreendem em termos da

importância que a literatura traz para a vida dos seus filhos. Algumas responderam que:

É importante por que é através da leitura que a criança pode aprender a criar imaginações dentro da leitura. R.M.C.

É muito importante para eles pois ajuda a crescer. N.S.M.

É de fundamental importância para ajudá-lo a entender o mundo da leitura e do seu aprendizado. K.R.B.M.

Para ele gostar de ler no futuro. J.S.

Porque eles se interessam mais pela leitura. L.C.S.C.

A leitura em casa é fundamental para a criança não apenas para despertar o mundo imaginário, mas também para propiciar maior interação com os pais. Quando perguntamos as mães sobre que tipo de leitura gostavam de ler para os seus filhos, a maioria respondeu que optam por ler livros infantis e R.M.C. (2012) respondeu que seleciona livros que sejam adequados para a idade mirim e citou a Bíblia infantil. “As leituras devem ser adequadas para a idade deles, como por exemplo a Bíblia Infantil”.

Diante dos questionamentos realizados com a professora e as mães percebeu-se a realidade em que se desenvolvem as práticas de leitura. A partir das respostas das depoentes observou-se que a família e a escola são parceiros que precisam estar em consentimento com a leitura, incentivando dentro de casa, na escola e fora dela, sendo de fundamental importância para a compreensão da prática leitora, despertando na criança momentos de prazer e de gosto pela leitura, facilitando sua aprendizagem se tornando cidadãos críticos e plurais.

3.3. Oficina pedagógica e a contação de histórias: práticas de leitura na literatura infantil

Com o objetivo de favorecer situações para que as crianças pudessem despertar o prazer da leitura, ampliar o imaginário infantil, criar o hábito de escutar histórias, ampliar o contato com os livros, valorizar o livro como fonte de entretenimento e conhecimento, foram realizadas oficinas que trazem momentos lúdicos entre a criança e a literatura.

Ao considerar que a literatura é contribui na formação da criança, foram desenvolvidas três oficinas de leitura, a primeira foi a contação da história de Chapeuzinho Amarelo, uma obra de Chico Buarque, com ilustrações de Ziraldo, onde a personagem principal da história é uma menina que tem medo de tudo, até de dormir para não ter pesadelo:

Tinha medo de trovão/ minhoca para ela, era cobra/ E nunca apanhava sol/ porque tinha medo da sombra./ Não ia pra fora pra não se sujar./ Não tomava sopa pra não ensopar. / Não tomava banho pra não descolar./ Não falava nada pra não engasgar. Não ficava em pé com medo de cair./ Então vivia parada, /deitada, mas sem dormir, com medo de pesadelo./ Era a chapeuzinho amarelo. (HOLANDA, 1997, p. 2)

E o maior provocador desse medo é o tal do lobo, que mora longe, do outro lado da montanha. Mas talvez esse lobo nem existisse, onde as crianças pensam que o lobo mal existe:

De todos os medos que tinha,/ o medo mais medonho/ era medo do tal LOBO,/ um LOBO que nunca se via,/ que morava lá pra longe/ do outro lado da montanha/ numa terra tão estranha,/ que vai ver que o tal LOBO/ nem existia (HOLANDA, 1997, p. 4).

E com o passar do tempo, de tanto pensar no lobo, ela se encontra com ele, o medo que existia foi passando e viu que todo o seu medo não passava de uma imaginação de sua mente, no fim ela acaba achando ele engraçado deixando a imagem de que o lobo é inofensivo e indefeso ao gritar que era um lobo passando a imagem de que ele não tem nada de mal e até vira um bolo de lobo fofo:

Aí, Chapeuzinho encheu e disse: “Para assim! Agora! Já! Do jeito que você tá!” E o lobo parado assim do jeito que o lobo estava já não era mais um LO-BO. Era um BOLO. Um bolo de lobo fofo, tremendo que nem pudim, com medo da Chapeuzim. Com medo de ser comido com vela e tudo, inteirim. (HOLANDA, 1997, p. 5).

Sendo assim, ao invés da Chapeuzinho Amarelo ter medo do lobo, o lobo que ficou com medo de ser comido pela Chapeuzinho. Uma história divertida e que meche com a imaginação da criança e que tem ligação com a vida contemporânea, onde as crianças não podem sair de casa com medo da violência que se encontra na nossa sociedade mas que quando a Chapeuzinho perde o medo do lobo, ganha

a liberdade de brincar e junto com ela o gosto e o prazer de viver a infância, perdendo seus medos. Como diz Faria (2010, p.24):

Os contos modernos abordam o dia a dia das crianças, desde as situações mais banais do cotidiano até temas sociais, existenciais, éticos, religiosos de nosso tempo e com os quais conscientemente ou não, os pequenos leitores estão em contato.

De acordo com a rotina da escola, as crianças tiveram seu primeiro momento de brincadeira com jogos educativos e propositalmente o livro em questão foi colocado em uma mesinha perto das crianças, algumas, ao perceberem que o livro estava ali, tiveram curiosidade de folheá-lo. Elas se sentem intimas do livro infantil.



Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Ramos Grismino da Silva

Após a acolhida foi feito uma roda de conversa falando do livro, quem já tinha ouvido a história e quem folheou na sala, foi iniciado a contação de maneira espontânea e todos prestaram atenção encantados e rindo de algumas situações em que passa Chapeuzinho Amarelo.



Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Ramos Grismino da Silva

Após a contação, trazendo a história para realidade das crianças, foi feito a confecção de um bolo de chocolate, onde todos participaram da receita feita. As crianças ficaram ansiosas para o bolo ficar pronto. Enquanto aguardava-se o bolo, foi realizado a construção gráfica da história com utilização do giz de cera e folha de ofício, estimulando a criatividade e a ampliação do imaginário infantil.



Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Ramos Grismino da Silva

A segunda oficina realizada foi a contação da história de Branca de Neve e os Sete Anões, um clássico infantil, onde engloba vários aspectos mágicos dos contos de fadas. Como lembra Abramovich (1997, p.120):

Mas porque os contos de fadas são tão importantes na aprendizagem e formação da criança? Isso ocorre “porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que denota a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu...”.

O tema foi escolhido por atração da história pela maioria das crianças, o poder do maravilhoso, que enriquece o imaginário infantil, abrindo portas para imaginação, os clássicos infantis, trazem consigo sentimentos valorativos que as crianças interpretam de maneira lúdica e irão sendo preparadas para a vida em sociedade. Como diz Coelho (2005, p.12):

Na verdade, por mais que os homens transformem o mundo em que vivem com sua inteligência e trabalho, sua natureza humana não muda. Nela se misturam as “paixões da alma” (amor, ódio, amizade, medo, vontade de poder, ideais, desejos, inveja, ciúmes, solidariedade, fraternidade, etc.) e as “necessidades básicas” do ser humano (ar para respirar, alimento para matar a fome e proteção para o corpo). Tanto as “paixões” quanto as “necessidades básicas” são a matéria-prima dos contos de fadas e de todos os livros que venceram o tempo e através de milênios ou séculos continuam a interessar os leitores ou ouvintes.

Assim, com a inserção dos contos de fadas no cotidiano das crianças, pode-se trabalhar vários sentimentos que traduzem a realidade, fazendo com que estas entendam melhor o sentido de mundo e saber como reagir frente a determinada situação de sua vida.

Para a contação da história trajei-me de Branca de Neve e narrei a história num ambiente externo à sala de aula. Utilizando recursos reais como a utilização de um espelho da rainha e da maçã.

A história explora valores como a bondade de Branca de Neve e a maldade da Rainha, onde ela oferece para a pobre menina uma maçã envenenada. Nesse contexto Bettelheim (2002, s/p) diz:

Com isto, a criança adéqua o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida.



Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Ramos Grismino da Silva

A “Branca de Neve” comeu a maçã, desmaiou e foi preciso da ajuda de um príncipe (uma criança) para fazer com que a mesma se acordasse de um lindo sonho ao dar um beijo nela, uma criança se disponibilizou a dar o beijo na bochecha e todos ficaram surpresos com o acontecimento. Fazendo com que as crianças pudessem ser inseridas na história.



Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Ramos Grismino da Silva

Após a contação, foi realizado um passeio em torno da escola com a “Branca de Neve” e todos alegres como se fossem os anões, cantando a música “Eu vou, eu vou”.



Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Ramos Grismino da Silva

A partir dessa contação, foram abordados vários elementos, estimulando a imaginação, a oralidade e a criatividade, como Abramovich (1997, p. 23) “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatral, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra).” É importante que a criança viva diferentes formas de contação de histórias, desenvolvendo o encantamento por diversos modos das histórias.

A terceira oficina foi com os três porquinhos que também é considerado um conto de fadas, pois os personagens da história são animais. A história foi escolhida por ser convidativa e, além disso transpassa sentimentos valorativos, como Bettelheim (2002, s/p) afirma:

"Os três porquinhos" ensinam à criança pequenina, da forma mais deliciosa e dramática, que não devemos ser preguiçosos e levar as coisas na flauta, porque se o fizermos poderemos perecer. Um planejamento e previsão inteligentes combinados a um trabalho árduo nos fará vitoriosos até mesmo sobre nosso inimigo mais feroz - o lobo! A estória também mostra as vantagens de crescer, dado que o terceiro e mais sábio dos porquinhos é normalmente retratado como o maior e o mais velho.

No primeiro momento foi feita a contação da história, todos já tinham a sua leitura visual do livro e todos prenderam sua atenção até o fim da contação, alguns já se antecipavam no que iria acontecer na história. O que favorece as práticas de leitura na formação da criança, desenvolvendo a cultura de letramento.

Depois da contação cada criança confeccionou uma máscara de porquinho, e a maioria fez relação com o porquinho mais corajoso "eu quero ser o porquinho da casa de tijolo"

Depois da construção todos foram para o pátio participar de uma brincadeira envolvendo os três porquinhos, poucos se ofereceram para ser os que construíram a casinha de palha e de madeira, a maioria quis ser os porquinhos que construíram a casa de tijolo, houve a eleição pra quem ia ser o lobo que iria assoprar a casa (imaginária) dos porquinhos. Segundo Bettelheim (2002, s/p):

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Deste modo, a criança vivencia por meio da brincadeira a história interpretada da maneira dela, fazendo seu próprio entendimento e despertando a sua criatividade.



Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Ramos Grismino da Silva

A dinâmica realizada foi bastante repercutida por eles, proporcionando um momento de diversão, onde todos gostaram e pediram para repetir a brincadeira várias vezes. Como Abramovich (1997, p.17) coloca, que:

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do contou ou o jeito de escrever dum autor e, então, pode ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento[...]

Portanto, literatura também é um momento de humor, de diversão, onde pode ser explorado a expressão corporal das crianças.

A escola conta com uma ampla biblioteca em que existe um acervo de aproximadamente 1000 livros, dentre eles paradidáticos e literatura infantil em que as crianças têm a oportunidade de ver, folhear os livros a cada dia da semana, onde ficam livres para escolher livros e entrar no mundo da imaginação, a leitura antes de tudo é um processo afetivo, onde a criança por menor que seja, tenha contado com o livro, mesmo sem saber ler, mas fazendo uso das imagens, ela mesmo cria sua própria história. É preciso que a criança esteja próxima dos livros e a partir daí viajar no universo da leitura. Como diz Filho (2009, p.52):

Assim, no decorrer do processo de múltiplas linguagens, a criança vai incorporando o conceito do livro como depositário de memória, o que pode ser bastante estimulado como visitas à biblioteca. Aliás, comumente um dos ambientes mais sisudos da escola, ao contrário, a biblioteca deve ser um ambiente aberto e acolhedor, de maneira que as crianças e os jovens possam senti-la como uma verdadeira e segura fonte de divertimento e lazer dentro dos muros da escola.



Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Ramos Grismino da Silva

Além de tudo é muito importante tornar o livro acessível, para que eles possam escolher o que chama mais atenção, sentar no lugar que achar mais aconchegante, como Abramovich (1997, p. 150) afirma que é de fundamental importância um espaço que tenha livros:

Importante, mesmo que seja uma papelaria ou um bazar de interior onde também se venda livros, é as crianças irem até lá, vasculhar, procurar, mexer, conhecer o que existe, ter sua curiosidade satisfeita, a vontade de ler aquele livro, de ficar mais tempo relendo aquele livro poema, de olhar bem uma ou outra ilustração, ou de fechar rapidamente a capa dum que pareceu desagradável ou boboca, ou dar uma olhada em alguns parágrafos e verificar que não despertam mesmo nenhuma vontade de conhecer o livro por inteiro.



Fonte: Arquivo pessoal de Rafaela Ramos Grismino da Silva

A partir desta pesquisa realizada com oficinas elaboradas compreendemos a importância e a dimensão da leitura infantil na formação do leitor na educação infantil. O incentivo dos pais, da professora e a prática de leitura em sala de aula são fundamentais como elementos motivadores de um leitor proficiente, visto que embora a criança na educação infantil não apresente o domínio da leitura, mas o incentivo dessa prática contribui na construção de leitores críticos e participativos na sala de aula e fora dela.

CONCLUSÃO

Sabe-se da importância da literatura na vida de muitos e ela tem o papel fundamental, sobretudo no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Este trabalho observou o propósito de como resgatar o prazer pela leitura desde pequenos, para crescerem gostando de ler e fazer um bom uso da leitura.

O papel da literatura infantil é desenvolver as áreas emocionais, sociais, além do espírito artístico e crítico, reflete na formação de futuros leitores capazes de estarem preparados para viver em sociedade, se transformando em leitores plurais, amplia o universo do imaginário infantil. Ela é fundamental porque é educativa, é cultural, possibilita o aprendizado e entendimento de mundo da criança.

Acredita-se que esse trabalho traz novas possibilidades para os estudos sobre a relação da literatura infantil na escola e o contexto da educação. Pode-se observar que as crianças são encantadas por livros, por vivenciá-los e tudo aquilo que deixa a imaginação fluir.

Além de ser prazerosa a literatura é capaz de trazer novas possibilidades de discussões sobre a aprendizagem leitora do aluno, levando a criança a repensar sua maneira de vida, nas condições em que se encontra e a partir da contação de história, modificar formas de vida e sentimentos valorativos.

Com o questionário aplicado com a professora e os pais, observa-se que a escola e a família estão interligadas, e o corpo docente da escola junto com a equipe pedagógica tem o compromisso de trazer a literatura para a prática cotidiana da escola sabendo que criança ao entrar em contato com a literatura se transporta para um mundo mágico, cheio de criatividade.

É possível desenvolver projetos que deem importância a literatura começando por crianças que ainda estão no processo de oralidade e de conhecimento do mundo letrado. Mas é preciso que parta do profissional a vontade de criar situações prazerosas para que as crianças se apaixonem pela leitura.

Que este trabalho possa contribuir com outras pesquisas a surgirem no curso de pedagogia e discutam leitura na educação infantil, propiciando através da contação de história, o universo do imaginário e fantasioso da prática da leitura, assim como as novas leituras, estudos e pesquisas de literatura infantil.

Este trabalho trouxe um grande resultado na prática pedagógica. O trabalho com crianças da Educação Infantil é de fundamental importância estando em relação com a leitura a partir da contação de história na escola, ver como a leitura modifica o cotidiano da vida da criança e traz novas possibilidades de aprendizagem. Espera-se que a partir de trabalhos como este, contribua e salientem as possibilidades educacionais da literatura infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 5ª Ed.. São Paulo: Scipione, 1997.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 1981

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: artmed, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16. Ed. PAZ E TERRA. 2002. Disponível em:

<http://sal.uniriotec.br/livros/BETTELHEIN,%20Bruno.%20A%20Psicanálise%20dos%20Contos%20de%20Fadas.pdf> . Acesso em Novembro de 2012.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Lei de diretrizes e bases da educação** – Lei nº9.394/96. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEEFF, 1998. (Volume 1)

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEEFF, 1998. (Volume 2).

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. Ilustrado por Ziraldo. 27. Ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2011.

BUSTATTO, Cléo. **Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008

CALDIN, Clarice Fortkampn **A Função Social da Leitura da Literatura Infantil**. Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n. 15, 1º sem. 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: o imaginário infantil e a educação**. In: Criança: revista do professor de Educação Infantil, Brasília, DF. p.10-12.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1ªEd. São Paulo: Moderna. 2000.

COSTA, Sônia Santana da. **Ensino Fundamental de nove anos em Goiânia: o lugar da criança de seis anos, concepções e fundamentos sobre sua educação**. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de educação. 2009.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibplex, 2007.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo.** Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Cadernos de Pesquisa. 2002.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula.** 5ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

FILHO, Aristeo Leite. **Rumos da educação infantil no Brasil.** Rio de Janeiro, ano 6, nº 11-12, jan/dez 2005.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura para crianças e jovens.** São Paulo: Paulinas, 2010. – (Coleção literatura & ensino)

KRAMER, Sônia. Infância e sociedade: o conceito de infância. In: _____. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce* – 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 1995.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo: Paulinas, 2007. – (Coleção literatura & ensino).

MARQUES, Cristina. **Os Três Porquinhos.** Editora Brasileitura (s/a).

MELO, G. M. L. de Souza; BRANDÃO, S. M. B. de Almeida; MOTA, M. da Silva. **Ser criança: repensando o lugar da criança na educação infantil.** Campina Grande: EDUEPB, 2009. 142 p.il.

MÜLLER, Fernanda; REDIN Marita Martins. Sobre as crianças, a infância e as práticas escolares. In: _____. *Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças.* Porto Alegre: Mediação, 2007, p. 11 - 20.

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. **Educação infantil: resposta educativa à diversidade.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

SISTO, Celso. **A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil.** São Leopoldo, Pro Letramento, 2010.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNADINO, Andreza Dalla. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental.** Educare ET Educare Revista de Educação. Vol. 6 nº 12 jul./dez. 2011. p. 235-249.

APÊNDICES

OFICINAS DE VIVÊNCIA COM A LITERATURA

Oficina de leitura – Chapeuzinho Amarelo

Contaçãõ da história, dramatizada pelo contador, com gestos e vozes

Após leitura, criar uma roda de conversa para as crianças falarem o que acharam da história,

Se gostaram, o que chamou mais a atenção

Pedir para quem quiser representar o que gostou na história, desenhe livremente com giz de cera, tinta guache, etc. no papel ofício duplo;

Vivendo a história no momento em que chapeuzinho se encontra com o lobo, e ela pensa que o lobo virou um bolo de lobo fofo – Confeção de um bolo junto com eles.

Objetivos: criar o hábito pela leitura, explorar a atenção e a concentração, desenvolver a criatividade.

Material necessário: Livro “Chapeuzinho Amarelo”, Ofício duplo, Tinta guache, giz de cera, massa para bolo, ovos, refratário grande.

Oficina de história – Branca de Neve

Contaçãõ da história narrada pela contadora caracterizada de branca de neve,

Vivência da história no momento em que a Branca de Neve come a maçã e desmaia,

Passeio pela escola com as crianças representando os anões e favorecendo a musicalidade: “Eu vou, eu vou, pra casa agora eu vou”

Objetivos: explorar o prazer pela leitura e a vivência da história, a musicalidade, a oralidade e a ampliação do vocabulário.

Material Necessário: Livro “Branca de Neve e os Sete Anões”, Roupa de Branca de Neve para a contadora, Gorros para os alunos, Maçã.

Oficina de leitura - Os três porquinhos

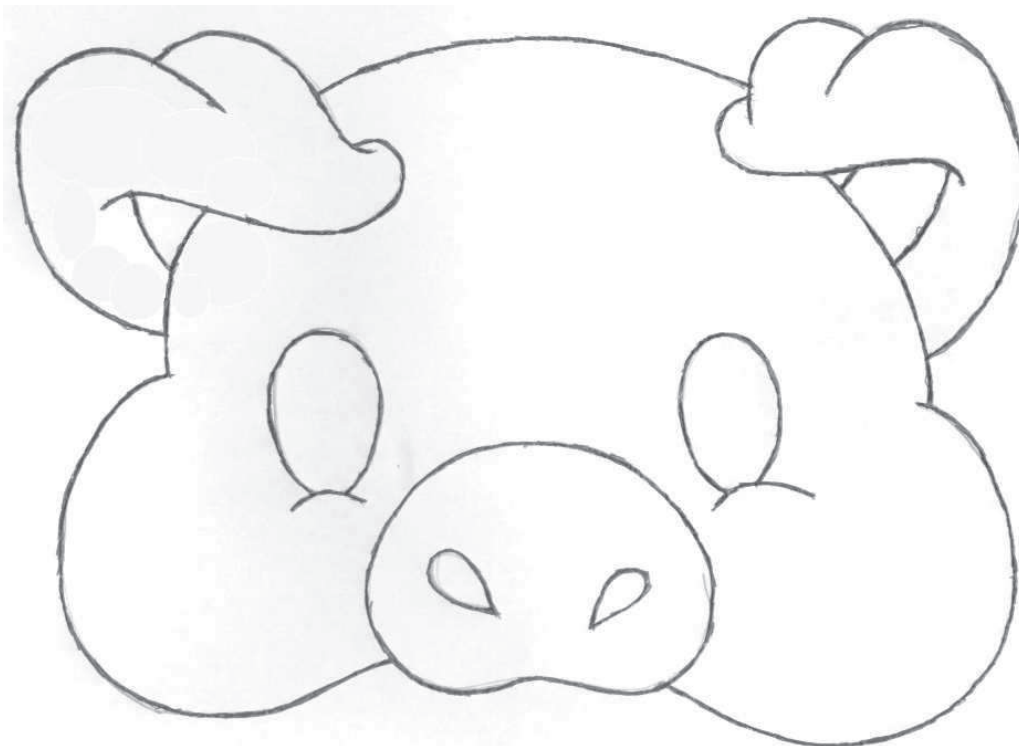
Contaçãõ da história com dramatização do contador no desenrolar da leitura

Roda de conversa sobre a história, quem gostou o que mais chamou a atenção;

Confeção feita com as crianças de uma máscara de porquinho:

Objetivos: Explorar o gosto pela leitura, ampliar o imaginário infantil, e a criatividade.

Material Necessário: Livro “Os três porquinhos” Folha de Ofício cor de rosa, Palito de churrasco, pistola de cola quente e cola quente.



QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

Nome (iniciais): _____

Grau de escolaridade: _____

Curso: _____

Instituição em que terminou o curso: _____

Há quanto tempo, ensina no Pré-I? _____

Há quanto tempo trabalha na instituição? _____

- 1. Para você, qual a importância da prática de leitura, desenvolvidas na escola no espaço da biblioteca?**

- 2. Em sua opinião, o que a literatura infantil propicia no desenvolvimento da criança?**

- 3. Quais os recursos que você utiliza para a contação de histórias?**

- 4. As ações educativas, realizadas na biblioteca da escola, têm contribuído nas práticas de leitura entre esses alunos?**

- 5. Você acredita que a biblioteca seja um espaço motivador de leitura, incentivando o desenvolvimento psicológico, social e emocional entre os alunos do pré I?**

6. Você acredita que a literatura infantil deve sempre está presente no cotidiano da escola?

7. Você acha que a família está buscando meios de educar através da leitura?

QUESTIONÁRIO PARA AS MÃES

Nome (iniciais): _____

Idade: _____

Grau de Escolaridade:

Ensino fundamental incompleto ()

Ensino fundamental completo ()

Ensino médio incompleto ()

Ensino médio completo

Ensino superior incompleto ()

Ensino superior completo ()

1. Você gosta de ler? Por quê?

Sim () Não ()

2. Você costuma ler para o(s) seu(s) filho(s)?

Sim () Não ()

Uma vez por dia ()

Uma vez por semana ()

Uma vez por mês ()

Uma vez no ano ()

3. Para você, qual a importância de ler para uma criança?

4. Que tipos de leitura você gosta de ler para os seus filhos:

() Poesia

() Cordel

() Livros infantis

() Todos

() Histórias em quadrinhos

() Outros. Quais?